



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

2 de Janeiro de 1999 • Ano LV - N.º 1430
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Um bocadinho de história

É bom lembrá-la e dá-la a conhecer aos que ainda não sabem.

Perfaz no próximo 7 de Janeiro cinquenta e nove anos que Pai Américo estabilizou uma resposta ao garoto das ruas na pequenina casa e seu quintal que comprou em Miranda do Corvo, sem dinheiro na algibeira mas com ele à vista na inesgotável Providência de Deus que nunca deixou ficar mal quem quer que nEle creia e em Seu Nome actue.

Estes cinquenta e nove anos, como bola de neve sempre a crescer dos três Rapazes de então aos mil e cem que hoje somos, com os Doentes do Calvário; desde Beire, a Casa mais ao norte em Portugal, até Moçambique — são a demonstração irrecusável de que Deus é e é Pai comprometido na consumação da Justiça do Seu Reino no meio dos homens. Ser esta demonstração é mesmo a valia primeira e máxima da Obra da Rua.

O natal da primeira Casa do Gaiato teve também o seu advento. Foram aqueles anos (desde a sua ordenação mas com mandato expresso desde a Festa de S. José em 1932) que Pai Américo passou, mergulhado nas ruas de Coimbra onde a miséria era cidadã, vendo com os seus olhos histórias que nem precisava

de ouvir, sofrendo-as no seu coração unguido da «paternidade autêntica, a que desce do Céu» — foi esta experiência vivida que o conduziu ao parto feliz, mas fonte de dores sem fim que são as Casas do Gaiato.

Parto feliz... porque a partir de agora não tinha de mandar embora o rapaz que o procurava, ou que ele achava, sem ter para onde ir. Mas fonte de dores sem fim... porque a partir de agora se gera o vínculo que faz do Padre Pai, com todas as consequências que dilaceram um coração onde têm lugar tantas vidas, às vezes, algumas, desvairadas. Por isso lhe escutei em horas de amargura: «Apesar de tudo, eu era tão feliz quando andava por lá... Davam-me uma esmola aqui e eu ia levá-la acolá...» A partir de agora o «andava» dá lugar ao «estou» — estou aqui; não posso fugir à responsabilidade que assumi; tenho de a sofrer até ao fim. A força do vínculo.

Mesmo sem lhe ter ouvido o desabafo, todos os que o seguimos, sabemos, à saciedade, este sabor que, todavia, Deus tempera com muitas alegrias, muitas compensações, com a profunda certeza de que vale a pena: «Um só que se salvasse... valia a pena. Mas eles são tantos, eles são tantos!» Por isso a felicidade se sobrepõe a todas as contradições.

Mas também compreendemos porque seremos sempre poucos, como é difícil esta vocação que alia a todas as renúncias que o sacerdócio pede, a cruz da paternidade... e da maternidade assumida pelas senhoras que Deus nos tem trazido. Só Ele! Por caminhos predominantemente humanos ninguém vem aqui dar. Por isso, a Ele e só a Ele nós confiamos o problema crucial das nossas vocações. Ele sabe. Ele pode. Ele nos quer. Sempre tem revelado a força imensa do Seu querer. Em quem havemos, pois, de pôr a nossa Esperança?!

«Somos uma palavra nova» — disse-o Pai Américo há cinquenta e nove anos e repetiu-o muitas vezes, ao reparar na dificuldade de compreensão pelo mundo desta «Família que somos para os sem-Família».

Continua na página 4

TRIBUNA DE COIMBRA

Paro diante da nossa Casa

DE quando em quando paro diante da nossa Casa. Eu, que a «meço» vezes sem conta a passos curtos. É do fundo da horta que ela oferece a imagem mais bela e harmoniosa. Sempre assim foi; agora, de cara lavada, creio, com mais elegância.

Ao princípio — 1940 — era apenas o velho solar comprado nos tempos difíceis por 40 contos. Uma fortuna para a época. Padre Américo não tinha centavo e, ao fim de 15 dias, já era dele. Foi para proporcionar ao pequenino vadio das ruas da baixa coimbrã o repouso que as vistas e os ares sadios da serra da Lousã oferecem.

Depois, foi alargando e crescendo em espaço, com o esforço e vida do nosso Padre Horácio. E, hoje, de cara lavada, faz-me quedar e perguntar pelas pedras verdadeiras que a sustentam. A beleza dos seus umbrais, bem como o torrado do casario, não chegam para explicar o milagre que quotidianamente a sustenta.

É, em primeiro lugar, o Nome Santíssimo de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o Qual, ela, e toda a Obra da Rua, assenta.

É esse Nome e Pessoa que lhe dão sentido e consistência verdadeiros. São as pessoas que nela vivem. Os Rapazes. Por causa deles, ontem e hoje, as nossas alegrias, esperanças e sofrimentos. São eles que dão a melhor sequência com a sua alegria e colaboração secundadas pela Graça divina.

São os nossos Amigos que, sentindo a sorte dos mais desfavorecidos da nossa sociedade, se inquietam e repartem os seus haveres.

Somos nós que, em cada dia, fazemos acto de fé nas Palavras certas do Mestre: «Eu estava nu... com fome... e com sede... e foi a Mim que o fizestes». A presença de Deus em cada Rapaz, fundamento reconhecido de toda a dignidade humana.

Continua na página 4

CALVÁRIO

Caminhos de cura

A sua presença era habitual no Verão. Naquele ano vinha com o cansaço próprio de quem trabalhou arduamente e aqui encontrava o refúgio retemperador das forças abaladas. Todos o conheciam e estimavam. Ao chegar, o nosso amigo aproxima-se da cama do senhor Armando, cego, paralisado mas lúcido e inteligente, saúda-o e ouve a voz mal articulada do doente:

— Olá, como está de saúde? Pelo sorriso parece que vem rijo!

O nosso hóspede entupiu. Ele, que era são e devia ser o primeiro a

inquirir da saúde do doente, não teve tempo que este antecipou-se-lhe. E, como por encanto, o cansaço dissipou-se. Ficou mesmo curado de tudo com a saudação ouvida.

— Venho realmente bom e para estar convosco uns dias.

Uma senhora Professora costuma vir ajudar aos banhos. Outro dia, ao chegar, depara com a Conceição à porta da sua casa com a bengala aos pés.

— Caiu-me. É capaz de me apañhar que eu não posso.

E não quer vir ajudar-me a dar o café à Dina. Eu ensino. Põe-se o

guardanapo, encosta-se-lhe a tigela e ela abre logo a boca. Venha!

A senhora não teve outro remédio. Acompanha-a como aluna que vai receber a lição. Toda a importância que possui diante dos seus alunos cai por terra. Agora ela é a aprendiz. Quando nos deixamos conduzir pelos simples, estes ensinam-nos a ser simples como eles e a esquecer os males, a perder a nossa julgada importância e a encontrarmos o caminho da cura e da libertação.

É que o homem é, de facto, tantas vezes prisioneiro de si mesmo. As

Continua na página 3

É do fundo da horta que a nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo oferece a imagem mais bela e harmoniosa



Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASA PARA POBRES

— Estamos a reparar algumas, que são fruto do peito e da alma de Pai Américo; e das quais dizia: — *Serão o meu testamento...*

Em uma das casas acrescentámos mais duas divisões, um adequado quarto de banho, água, etc.

Será destinada para a família dum septuagenário que palmilha diariamente muito quilómetros a pé — casa/trabalho, trabalho/casa — qual estafeta para ganhar o pão de cada dia.

Este pobre cidadão lembra-nos um outro, grande motivador dos Patrimónios dos Pobres, que muito sofreu até largar o péssimo barraco em que vivia, de pedras sobrepostas e sem argamassa!

No caso vertente, o presente do Menino Jesus para a família do septuagenário custará centenas de contos — dos nossos Leitores.

Glória a Deus nas alturas!

PARTILHA — É uma pro-cissão com muita gente conhecida:

Cinco mil, da assinante 37923, de Almagreira. Idem, dum Amigo da Feira. Assinante 32217, em Vancouver, cem dólares canadianos «para que a quadra do Natal não fique esquecida por mim».

«Para os Irmãos carecidos», parte de um cheque do assinante 7464, da Capital. Assinante 9854, de Oeiras: «Aqui estou, de novo, com uma pequena lembrança de Natal para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Saberão dar-lhe o destino correcto, pois sei de algumas situações angustiantes e eles, os Pobres, não podem esperar...»

Remanescente de contas com O GAIATO, por «alma do marido da assinante 50283», de Souto da Casa, e uma ralhadela: «Não quero que agradeçam. Digo isto há muito tempo e não cumprem...»!

Dez mil, do assinante 27177, de Lisboa, «para ajuda da consuada dos Pobres. Que esta migalha ajude a tornar mais alegre e acolhedor estes frios dias de quem precisa».

A assinante 7769, «como é usual nesta quadra natalícia, envia um cheque» que partilha com a nossa Conferência.

«O pouco que resta do fecho de contas com O GAIATO é para os Pobres da vossa Conferência» — acentua a assinante 27044, de Alvide, Cascais.

Setúbal: o assinante 23311 traz um cheque de 5.000\$00 «para compra de remédios para os doentes».

Assinante 65318, de Santo Tirso de Prazins, oferece trinta e cinco mil escudos «para os que mais necessitam».

Porto, um companheiro de Escola, assinante 11171, com

dez mil, um grande abraço e as saudações da quadra.

Rua da Boavista, Porto, presença da assinante 14493, cinquenta mil, incluindo «uma bem pequena ajuda para a ceia de Natal dos Pobres».

Três mil, da assinante 4589, do Porto. Cinco mil, da assinante 43689, de Monte Estoril. «Pequena lembrança para utilizarem como melhor entenderem», pela mão da assinante 23726, de Almada. «Uma migalhinha» da assinante 22376, da Sufça, e uma promessa: «sempre que puder, irei mandando». Que bom! Cinco contos, da assinante 42037, de Rebelva (Carcavelos). Três vezes mais, do assinante 55684, de Paço de Arcos, pedindo um voto «pelas melhoras da minha mulher e da minha saúde». Um bolo, repolhudo, do assinante 17844, de Oeiras. «Uma pequena contribuição para a Conferência, não sendo preciso agradecer» — sublinha a assinante 20174, de Coimbra.

Retribuímos, com amizade, os votos de santo Natal e Ano Novo.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

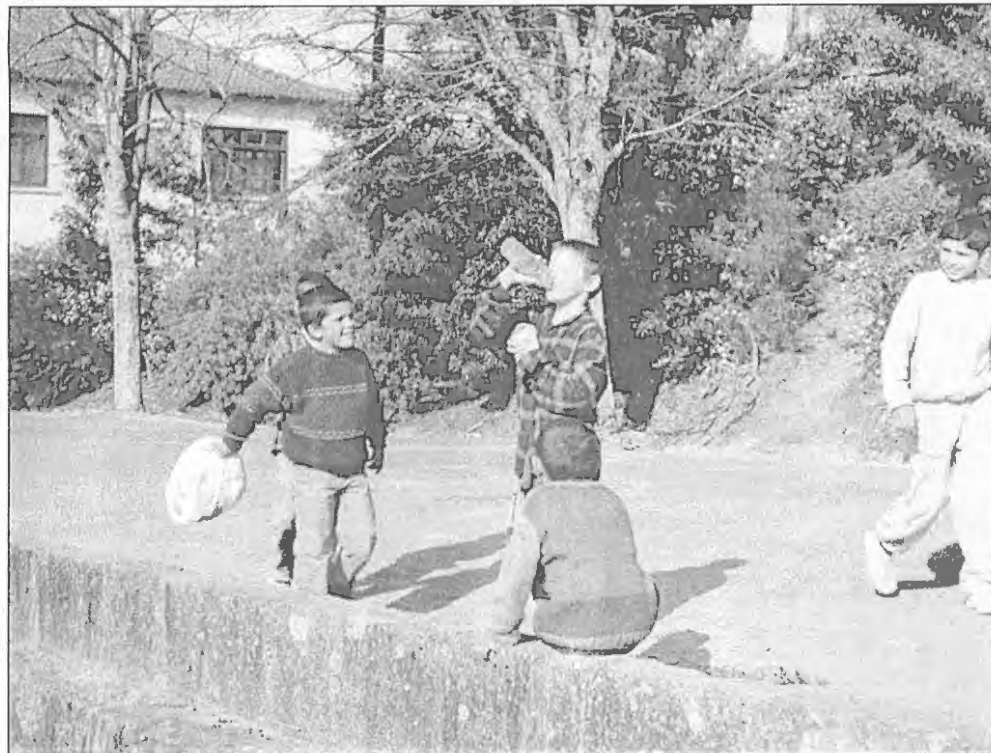
MIRANDA DO CORVO

AULAS — As do primeiro período chegaram ao fim. Agora, os rapazes esperam pelas suas notas. Umas melhores que outras.

PRESEPIO — O nosso está a ser feito pelo Pedro Caldas e com alguns ajudantes. Estamos ansiosos pelo dia de Natal.

CARAS NOVAS — O nosso Padre João foi buscar

Grupo de «Batatinhas», de Paço de Sousa.



mais dois irmãos provenientes da Guiné-Bissau. Um chama-se Gerson. Tem sete anos. O outro, Nataniel, com dois anos. Vieram juntar-se a dois irmãos seus que já cá estavam.

VISITAS — No sábado estiveram cá os motoqueiros de Coimbra que vieram passar o dia connosco. No fim do almoço demos uma volta de moto.

No dia 20 de Dezembro recebemos a visita dos escuteiros de Ceira. Jogámos a bola e o resultado foi a nosso favor.

RETIRO — Alguns dos nossos rapazes estiveram em retiro, em Prouença-a-Nova, orientados por Padre Armando e Padre Luís.

Um fim-de-semana de reflexão. Falámos de Jesus e houve muita amizade e alegria.

João «Pequeno»

PAÇO DE SOUSA

FESTA DE NATAL — Realizou-se no dia 20 de Dezembro, às 15 h., uma festa de Natal.

O evento foi levado a cabo pelo José António e contou com a participação dos nossos rapazes e de algumas filhas de antigos gaiatos e foi abrilhantado com a presença dum grupo de cavaquinhos de Vila Nova de Gaia que se disponibilizou para o efeito.

Esteve presente um repórter que filmou a nossa festa.

O salão encheu-se de público convidado. E, no fim do espectáculo, houve um convívio entre os artistas e a assistência.

Decorreu tudo da melhor forma, graças a Deus. Pena foi que os visitantes tenham deixado muito lixo, o que deu bastante trabalho a limpar.

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para que esta festa fosse um sucesso,

RETALHOS DE VIDA

Fernando



Sou o Fernando António Jesus Pinto Ferreira. Natural de Gestação — Baião. Tenho onze anos. Frequento o terceiro ano de escolaridade. De tarde, faço a limpeza do nosso refeitório.

Antes de vir para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa vivia com a minha avó e o meu pai, porque a minha mãe já morreu.

Vim para cá porque me portava mal; fugia da escola e a minha avó não tinha possibilidades de me criar. Gosto muito de estar aqui e, quando for maior, quero ser carpinteiro, pois gosto de trabalhar em madeira.

Fernando Ferreira

especialmente ao grupo de cavaquinhos de Vila Nova de Gaia.

DENTISTA — Pelo segundo ano consecutivo, os nossos rapazes são consultados na Faculdade de Medicina Dentária do Porto, gratuitamente.

Aos Professores e Alunos desta Instituição expressamos a nossa gratidão e amizade.

CINEMA — Os rapazes da casa II de baixo foram ao cinema no Arrábida Shopping, Porto, oferta do pessoal do Aeroporto, ao qual agradecemos a lembrança.

CIRCO — Os «Batatinhas» e alguns dos mais pequenos assistiram ao circo, em 21 de Dezembro.

O espectáculo realizou-se de manhã, na cidade do Porto.

TEATRO — No dia 18 de Dezembro, de tarde, presenciamos uma peça de Teatro, no

Teatro de S. João, do Porto, a convite do próprio.

Fomos os da casa IV de cima e alguns rapazes do Lar do Porto.

Uma prenda de Natal diferente! Obrigado.

«Almeidinha»

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Como estamos em época natalícia, não queremos deixar de lembrar, nesta altura, todos os nossos associados e suas famílias, bem como os colaboradores das Casas do Gaiato e gaiatos, assim como as restantes Associações, desejando a todos, sem esquecer os nossos Amigos, as maiores venturas para 1999.

No entanto, 1998 não terminou sem que nos deixasse de algum modo entristecidos pelos inesperados falecimentos em dois acidentes no mesmo dia, 27 de Outubro, um de manhã e outro ao fim da tarde, do filho do Luís «Carequita» e de um genro do Carlos Manuel «Sardinha», o primeiro quando se dirigia de Coimbra para Miranda, o segundo seguia para Lisboa onde se encontrava colocado na PSP e o seu carro foi abalroado em Pombal, deixando o Luís a sua família consternada e o João Carlos, especialmente, sua esposa, com duas meninas de tenra idade.

A estas famílias manifestamos o nosso pesar.

Informamos que um incêndio ocorrido há pouco, destruiu a Capela da Senhora da Piedade e seu recheio, onde ainda dias antes tínhamos estado. No entanto, está já programada a sua reconstrução pela Câmara de Miranda do Corvo.

Manuel dos Santos Machado

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Fomos, aqui, bem pertinho do Porto, à casa da mãe de quatro filhos. Não estava, mas disseram que não demorava. Assim foi. Vinha cabisbaixa e com ar sombrio. À nossa pergunta, respondeu que estava tudo bem. Abriu a porta, entrámos e acabou por desabafar:

«Não passo duma desgraçada. Que adianta ter homem se não há dinheiro para a casa e ainda tira do pouco que tenho? Não trabalha, diz que não lhe dão emprego. Nunca mais saio deste barraco. É só porcaria por todo o lado. Não os posso pôr na rua, são pequeninos.»

Perguntámos porque falava desta maneira, pois já moravam aqui há alguns anos; e continuou:

«Venho da casa aonde o meu pai morava, sempre é maior e melhor do que isto. Se tivesse dinheiro podia fazer uma divisória para os meus filhos não dormirem junto à minha cama, e dar uma pintadela; mas sou sozinha a ganhar, não chega para nada.»

Os soluções foram o fim da conversa. No regresso passámos pela casa do pai, é uma sala grande e dá para fazer o que pede. A instalação eléctrica também precisa de ser reparada.

Desta vez foi o sr. Agostinho que nos deixou. Vivía sozinho, mulher e filhos abandonaram-no por maus tratos. Paz à sua alma.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

— Da Figueira da Foz um cheque de quarenta mil escudos para ajudar os mais carenciados. De Penafiel, anónimo com cinco mil escudos fruto dos trabalhos que vai fazendo.

Assinante 9217, dez mil escudos. Assinante 66095, um cheque de trinta mil escudos destinado a auxiliar a Conferência de S. Francisco de Assis.

Do Porto, Av. Boavista, cinco mil escudos para ajudar a resolver uma situação difícil.

E, a terminar, uma carta de Lisboa com cinco mil escudos e uma quadra que partilhamos convosco:

«Em acções santas e lindas levais o bem aos 'Irmãos'.

Deus vos dê graças infundas, e nunca vos doam as mãos.»

Bem haja a todos pela ajuda que dão. Um santo Natal e um Ano Novo cheio de prosperidades.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Adelaide e Zé Alves



MOÇAMBIQUE

Apontamento do estado actual da nossa Capela

AQUI vai, em breves linhas. Ainda espero orçamento para o telhado em palha, que só os sul-africanos fazem bem. Hoje mesmo, falei ao Dias que telefonou para cá para me dar um contacto com eles.

Os nossos rapazes estiveram por grupos, uns dias, no Bilene. Foram hoje de manhã, a Luísa de Malanje e a Teresa de Benguela. Estiveram aqui quinze dias com a Irmã. Pena foi que já com as escolas e creches paradas.

O contentor vai chegar neste sábado, graças a Deus que traz abundância para governar a Casa por uns tempos.

Que o Natal seja de muitas bênçãos em corações bem preparados, aí, em Paço de Sousa e em todas as nossas Casas, que do resto não há-de faltar.

Padre José Maria

PASSO A PASSO

O ano é novo mas a vida é velha. De facto, como diz o livro de Qohelet, «não há nada de novo debaixo do sol». Por ser velha, não significa que não preste ou que esteja decrépita; antes, que os anseios, lutas e contradições que habitam no coração dos homens — o lugar da vida — são uma constante de todos os tempos e lugares da história humana.

Assim é que, para dar vida a um sonho que desponta, as pessoas se valem das ferramentas de que dispõem, nas mãos e na alma. Por isso, diversos serão os caminhos a percorrer; muito diferentes as obras realizadas.

Último ano do milénio

Consciencializar para a situação de injustiça de que eram vítimas os rapazes da rua, sem família e sem pão, para que tivessem o necessário para crescer e se fazerem homens, foi palavra que Pai Américo lançou aos quatro ventos. E não foram palavras levadas pelo vento, pois muitas consciências despertaram e muitos rapazes e Pobres puderam saborear o pão da justiça e da caridade.

Da justiça, porque se realizou o direito fundamental da natureza humana; da caridade, porque se comuni-

cou um chamamento sobrenatural.

Como no passado, também nos nossos dias há quem queira fazer obra social, segundo a justiça mas recusando a caridade. Concebendo o ser humano unicamente como filho da carne, como se ele não devesse a sua existência ao querer de Deus que é Pai. Ora o homem é também chamado a ser filho de Deus!

No fundo, esta recusa da caridade, não é tanto a negação de um certo modo de viver, de partilhar os bens e a vida; é antes, certa-

mente, a recusa do convite a restabelecemos a ligação sobrenatural que Deus nos faz, o que só na caridade é possível. É a negação do próprio Deus.

Trabalhar na justiça e na caridade, é o modo completo de colaborar na construção daqueles que não têm pão nem pais.

Por alguma razão o salmista teve a intuição de que «se não for o Senhor a edificar a casa, em vão trabalham os construtores». Nós construímos e o Senhor edifica; nós executamos e o Senhor projecta. Por outras palavras,

cheias também de sabedoria: «Deus quer, o homem sonha, a obra nasce».

Na nossa incapacidade, experimentamos tantas vezes como é grande o risco de se cometerem pequenas grandes injustiças, quando se vive sem caridade. O amor é a primeira pedra. Nele assenta e se anima a construção dos filhos dos homens que também o são de Deus.

E é nesta cadeia, mais que solidária, mas fraterna, que se edifica toda a humanidade. Não só na partilha do pão mas também da vida,

crece o homem todo e todo o homem.

São verdades velhas neste ano novo. Mas do velho nasce o novo, na morte se multiplica a vida.

Que esta sociedade em que vivemos, desaprenda o que tão insistentemente lhe tem sido incutido: fazer do que é velho, lixo; de tudo o que não é matéria, estorvo.

Que neste último ano do milénio, sem sermos milenaristas, se realize o ditado popular: «ano novo, vida nova».

Padre Júlio

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Dezembro,
68.400 exemplares.

Calvário

Continuação da página 1

enfermidades físicas são vividas não raramente de modo denso demais, olhando-se apenas para aquilo que aflige, tornando a dor ainda mais aguda. A visão dum doente cego, amarrado ao leito há décadas, sem poder mover-

-se, mas ao mesmo tempo rindo a seu modo e ficando feliz por saber que um amigo recém-chegado está bem, desarma o mais forte, cura o mais doente.

Mas as forças interiores, geradoras dos pecados capitais, tornam o homem também e sobretudo cativo de si mesmo.



Falar de liberdade nestas circunstâncias não faz sentido, pois ela não existe. Qual pássaro na gaiola o seu mundo é ele próprio. O homem só é livre quando puder soltar as amarras que o envolvem e for capaz de voar sem prisões.

Mas para soltar estes atilhos, é preciso às vezes abrir feridas que custam a cicatrizar. O encontro com gente simples, com doentes e inválidos, ajuda o homem à libertação de si mesmo e curam-no verdadeiramente.

A simplicidade dos fracos e humildes derrota o nosso orgulho. A sua ternura desfaz a nossa aspereza. A sua dedicação estimula a nossa moleza. A sua perseverança em fazer o bem desperta a nossa passividade e preguiça. A sua aceitação serena dos males reduz a nada aquilo que julgamos ser grave e penoso.

Dizia-me alguém de visita aos doentes: — Sabe, eu tinha um certo desprezo pelos doentes sobretudo aleijados. Pensava que era superior, pois tenho saúde, família, amigos, posição social confortável. Mas depois que encarei corajosamente estes doentes, sem nada do que tenho mas alegres, delicados e carinhos uns com os outros, mudei de opinião. Afinal eu é que sou ridícula e mesquinha. Eles valem mais do que eu. Começo por isso a dar mais valor ao que sou e possuo. Os meus olhos vêem agora de outra maneira.

Eis como os doentes podem curar os sãos.

Padre Baptista

PENSAMENTO

Havendo pão, todo o mundo tem razão.

PAI AMÉRICO

DOCTRINA

O símbolo da Obra da Rua é o «Quim Mau»



Alcunha «Quim Mau» vem dos seus companheiros que atinam como ninguém; e nela, por ela, definem o alcunhado. De uma vez, à mesa, enfiou uma batata a ferver no ouvido do parceiro! É assim o nosso «Quim Mau», mas adorável de espontaneidade. Temos o símbolo ao fundo da quinta da Casa do Gaiato de Coimbra e vamos tê-lo em granito, na do Porto. Também corre mundo nas capas dos livros *Pão dos Pobres* e *Obra da Rua*. Quando estes livros aparecem nas montras de Coimbra, o «Quim Mau» toma pelo braço os da sua *laia* e vai a correr mostrar: — *Ó coiso, olha eu!* Sim; sinal da Obra, sacramento criador da tua piedade mais da tua devoção. Este rapaz, como todos quantos se abrigam nas asas da Obra da Rua como os pintainhos debaixo da galinha, todos eles têm a sua história e são herdeiros de grandes desventuras. A Obra da Rua nasceu do conhecimento destas histórias e propõe-se mitigar o mal dentro das Casas do Gaiato.

TODOS quantos sinceramente nos quiserem auxiliar, não devem trazer para aqui o empenho do «*menino muito bonzinho*» que ficou ontem sem mãe e que nunca levantou a mão para ninguém, «*coitadinho*». Não devem, que a nossa especialidade é, justamente, receber e amparar o que há de mais agressivo, de mais reles, de mais repugnante, de mais vicioso. Rapaz em bruto, sem carinhos nem cuidados nem família nem amor de ninguém para ser transformado, a seu tempo, pelos nossos carinhos, pelos nossos cuidados e pelo nosso muito amor. Sim, leitor do Porto, coloca noutros organismos o menino desamparado e, aqui, o mestre dos vícios. Se salvares um — salvas-te.

HÁ dias, cheguei de fora e topei um pequenito na casa onde habito em Coimbra mai-los rapazes saídos dos nossos Reformatórios, ao deus-dará. Indaguei. Tinha vindo de véspera pela mão do pai, a quem se dissera que viesse no dia da minha chegada e o homem fingiu ir a um recado e não voltou. Não gostei e decidi conduzir o pequeno a casa. Mas ele roubou dinheiro e uma corrente de prata nas horas que esteve em nossa Casa. Recomendou-se. É meu. Sentei-o no meu regaço. Confessou com lágrimas; pediu perdão. O amor é eloquente! Encontra-se hoje aos cuidados do mestre de Moral da Casa do Gaiato. O pequenino ladrão ocupado como anda com os trabalhos da quinta e alegre no convívio dos irmãos, cura-se sem dor. Assim se furta um homem aos laços da justiça que, por cega e não compreender, tantas vezes erra. A minha missão não é abrir os ferrolhos da cadeia, mas sim impedir que eles sejam abertos. Por ela tenho dado e quero dar, até ao fim, o sangue das minhas veias. Ajuda-me.

COMEÇAMOS ontem com a safra das batatas. Os maiores arrancam: — *Olhe que eu ainda não cortei nenhuma!* Os mais pequenos apanham e conduzem ao celeiro: — *Eh, que grande arranco!* E contam as batatas suspensas da raiz. Ontra chusma deles descascam, à porta da cozinha, para a primeira refeição de batatas novas requisitadas pelo cozinheiro que é do mesmo tamanho. O nosso ladrãozinho interessa-se e é dos que separam, no celeiro, as pequenas das grandes. Festa com foguetes este trabalhar dos miúdos; e assim se regeneram. Hoje, às dúzias, na Casa do Gaiato de Coimbra. Amanhã, aos centos, na do Porto. São milagres de amor!

O. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

Continuação da página 1

É natural: o mundo é o mundo; e nele só os de alma simples têm a intuição do divino. Todos aqueles que pretendem resolver pelas ideias (por «esquemas», por «projectos», por «programas»... dependentes de quantias astronómicas, de milhões) o que só é resolúvel pela Vida, por vidas entregues sem condições nem reservas, têm muitas dificuldades para compreender. Nisto não avançamos nada ao longo destas seis décadas. Diria até que retrocedemos, com esta escalada de materialismo e de tecnicismo que avassala o mundo. Diria mesmo que em toda a área do social se navega «entre o quixotismo e a hipocrisia», ampliando o tema sobre que me debrucei recentemente, a pretexto do trabalho infantil.

Área do social é área do humano. Ora os grandes problemas do homem não se resolvem a partir de técnicas, que são sempre globalizantes e pouco propícias para atingir o indivíduo;

Um bocadinho de história

nem a partir do dinheiro. Requisitarão, a seu tempo, estas duas coisas para a elaboração de um corpo. Mas falta a alma, que estas coisas não têm nem podem dar; e sem alma não há vida.

Os grandes problemas do homem envolvem a sua vida. Alguns, em transe de sucumbirem, têm de ser reanimados boca-a-boca ou por transfusão de sangue. Pelicanos — essa ave que pica o peito para alimentar os filhotes com seu sangue — são o que falta e que nenhum projecto nem programa, por muito bem idealizado que seja, pode suprir.

Na área do humano, «Técnico é aquele que ama» — assim definiu Pai Américo, desfazendo equívocos

com técnicos de outras áreas, essas, sim, técnicas, como a mecânica ou a electrónica... Parece-me uma escolha muito infeliz para a área do social, mas os Técnicos gostam de o ser e de assim serem tratados — o que denuncia uma distorção de mentalidade que leva a pôr o acento na função em campo que, em verdade, é de missão.

«Somos uma palavra nova.»

Os simples, desde o iletrado ao Doutor, ao General, entendem-na. Para os cheios de si-mesmos e de belas ideias bebidas nos livros e em congressos, que não da vida, permanecemos no mesmo ser.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da página 1

Por isso, este 7 de Janeiro, 59.º aniversário da sua fundação, é tão importante. Faz-nos olhar o seu passado e encarar o seu presente com esperança e fé. Nós não somos o dono nem o arquitecto. É Deus quem risca.

Vocações de mãe

Se nos fosse permitido pedir uma prenda para oferecer a esta mãe de tantos filhos no seu aniversário, pediríamos vocações de mães. São mais necessárias que o pão que nos é oferecido. Eu sinto alguns tão vazios... O que falta? Bem lá no fundo da alma o mesmo que está escondido nos alicerces da Casa: a pedra angular — o amor de mãe.

Padre João

Património dos Pobres

Estas barracas são uma pequena amostra...

VOLTAMOS ao fim do mundo. Um mundo de barracas e um mundo de abarracados. A foto que aí vai, é só uma pequena amostra. O antigo bairro desapareceu, mas foram-nas mudando. Agora só aparecem, por lá, espalhadas.

No barraquelho do meio que apresentamos nesta foto, vive uma família de sete pessoas. O interior está dividido em dois pequenos cubículos. Ali tem de viver toda a família. O pai está preso, já há meses, e a mãe passa a vida a pedir para governar os filhos, pequenos. Naquela tarde andava na sua azáfama. Estava por ali um dos filhos que só soube dizer o primeiro nome e não foi capaz de dizer a idade, com aspecto deficiente, raquítico e um semblante muito triste.

O chão do barraquelho está mais baixo do que o da frente. Quando chove, têm de colocar os colchões na água e, assim, passam as noites. Pedem, ao menos, umas placas que cubram e desviem as águas da chuva.

Toda a roupa que vimos a enxugar é sinal de muitas crianças que por ali vivem. Em frente e à volta muito lixo, muita lama, tudo sinal de grande abandono.

Informaram-nos que, naquela zona, há muita prostituição e muito negócio de droga. Muita gente se governa com este modo de vida e parece viverem bem.

... dum mundo de sujidade e de miséria!

PARA perto dali fomos conduzidos por agentes da Protecção à Criança por causa do acolhimento de sete miúdos. No relatório de um deles vinha a informação:

«Por toda a casa há roupa espalhada pelo chão.

Na cozinha o lixo tem a altura de um metro, sem exagero.

A casa de banho tem a sanita entupida, a transbordar de sujidade.

As paredes estão imundas!

O terreno à volta cheio de sacos de lixo antigos, onde andam os ratos que também dominam dentro de casa.»

Fomos observar e somos testemunhas de tudo isto. O pequeno, muito mirrado,

abriu a porta e acompanhou-nos. O cheiro do interior cortava-se à faca. Tivemos que sair depressa por não aguentarmos aquele mundo de porcaria. Uma das pessoas do grupo saiu a lastimar «que não haja quem veja estas situações e dê conta delas. Os Poderes Públicos tinham obrigação de estar mais atentos».

Não nos surpreende o atraso destas crianças. Têm de ser, necessariamente, vítimas da situação em que são obrigadas a viver ou vegetar.

Consolou-nos um pouco ver os blocos habitacionais que já por ali foram construídos pela autarquia para aquela pobre gente. Ansiamos para que mais habitações sejam construídas, para que todos possam ter, e tenham, lugar decente para viver.

No mesmo sítio onde se erguia o «Casarão» da Conchada, casarão que abrigou muitas famílias pobres durante longos anos, que nunca teve condições para albergar famílias, onde Pai Américo entrou muitas vezes como «recoveiro dos Pobres», foi demolido e, aí, construídos três blocos para 28 famílias.

Doze das que agora ali habitam já moravam no «Casarão». Uma delas é a *ti* Maria do Carmo, com 84 anos, ali viveu 62. Matou muitas saudades do tempo que ali viveu.

Um dos edifícios tem o nome de Padre Américo, a recordar as suas visitas àquele bairro de latas da Conchada.

Padre Horácio

